

SÉRGIO RODRIGUES

VIVA
A LÍNGUA
BRASILEIRA!

Uma viagem amorosa, sem caretice e sem vale-tudo,
pelo sexto idioma mais falado do mundo — o seu



ORIGEM DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
ERROS QUE ESTÃO VIRANDO ACERTOS
MODISMOS QUE CONVÉM EVITAR
LENDAS ETIMOLÓGICAS
"ERROS" QUE AS PATRULHAS INVENTAM
NOVAS PALAVRAS EM ALTA
DÚVIDAS MAIS COMUNS



— Quando alguém diz “Não fiz nada”,
está dizendo que fez alguma coisa!
Menos com menos dá mais! Percebe
como todo mundo fala errado?

— Ô língua ridícula e sem lógica! Por que
não fomos colonizados pelos holandeses?

OS SABICHÕES

— A língua-padrão é um dinossauro
conservado em formol, preservado a ferro
e fogo pela gramática normativa como
instrumento de dominação de classe!

— Ah, quer dizer que bão procêis é todo
mundo bem inguinorante, né?

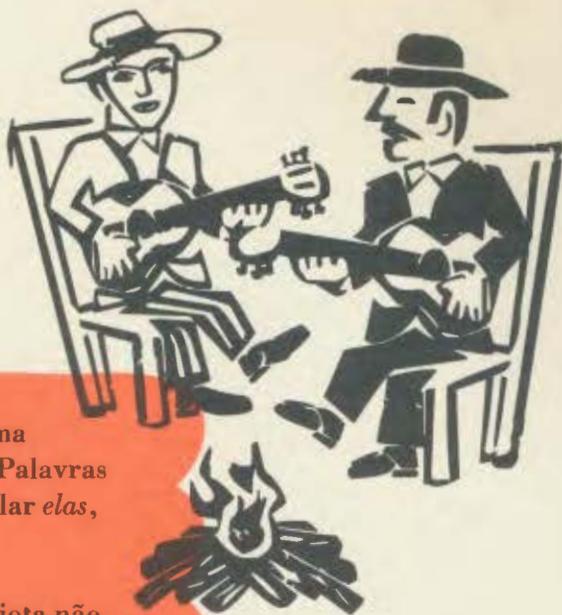
OS POLITIZADOS

— Declino à conspícu
escrivanã o presente
encartado, com fincas ao
dealbar coruscante, no
cerebrino zimbório do
legente, da luculentíssima
flor última do Lácio.

— O escopo da assertividade de
um escritor ao escrever um livro
é o valor que o mesmo (escritor,
não livro) agrega à estratégia
disruptiva do mesmo (livro, não
escritor), de forma proativa e
sintonizada com os valores dos
mesmos (os dois).



OS ENROLÕES



— Falar sobre a língua é uma tremenda perda de tempo. Palavras foram feitas para a gente falar *elas*, não *sobre elas*!

— Lacrou! Será que esse idiota não tem nada de útil para fazer?

OS ANTI-INTELECTUAIS



— Nossa pet shop tem um playground animal para o seu dog! Venha conferir nossa sale: 50% off!

— Proponho que o cidadão pague uma multa por cada palavra inglesa que usar. E deletem-se as disposições em contrário! Não, espera...

OS ANGLOCÊNTRICOS

SUMÁRIO

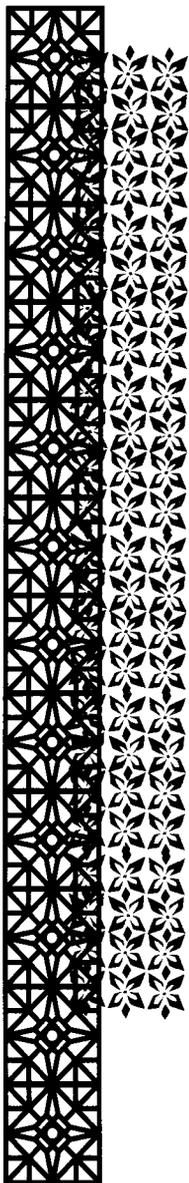
APRESENTAÇÃO — Ó ABRE ALAS.....	11
1. COMO É QUE SE ESCREVE?.....	25
2. COMO É QUE SE FALA?.....	63
3. CASCAS DE BANANA.....	79
4. CUIDADO COM AS PATRULHAS!.....	111
5. A LÍNGUA SE REINVENTA.....	133
6. CUIDADO COM OS MODISMOS!.....	157
7. A GUERRA DOS SEXOS.....	181
8. DÚVIDAS NUMÉRICAS.....	195
9. PALAVRAS EMERGENTES.....	211
10. POR QUÊ? POR QUÊ?.....	245
11. ONDE CANTOU O GALO.....	265
12. A ORIGEM MENTIROSA DAS PALAVRAS.....	303
13. O CHARME DO PARENTESCO.....	327
ÍNDICE REMISSIVO.....	359

Este livro é uma declaração de amor à língua portuguesa brasileira. Sim, eu disse “língua portuguesa brasileira”. Portuguesa porque foi inventada lá, brasileira porque faz mais de cinco séculos que a falamos aqui.

É em nossa variedade mestiça, vocálica, plástica e colorida do idioma nascido há cerca de oitocentos anos na Península Ibérica, filho caçula do latim, que estão mergulhados hoje mais de 80% dos lusoparlantes.

Pena que, no meio dessa multidão, não falem os que falam mal da sua língua. Repare na preposição: falam mal *da* sua língua. Mesmo quando nem a falam tão mal assim.

Dizem que o português brasileiro é errado, que só os irmãos d'além-mar sabem tratar a gramática como ela merece. Ou então dizem que esse idioma enrolado e difícil nunca prestou mesmo, já era uma desgraça antes de Camões — ah, quem nos dera falar uma língua de Primeiro Mundo!



Há aqueles que, empenhados na causa nobre de estudar os falares do povo, desenvolvem um preconceito contra a língua-padrão e, por tabela, contra os séculos de beleza que a literatura nos legou. Terminam por proclamar — sem que ninguém dê muita bola, é verdade — a independência linguística do “brasileiro”.

E existem os que se aproveitam da confusão generalizada para exercer os vis prazeres de corrigir o que nunca esteve errado — e tome bobagens como “risco de morte”, “um peso e duas medidas” etc.

Ainda nem falamos das saúvas clássicas: o analfabetismo funcional que assola a maioria da população, o pedantismo cafona do juridiquês, a barbaridade do corporativês, a importação servil de estrangeirismos gratuitos e a tendência — aliás universal — ao chiclete viciante do clichê, da embromação, da entropia do sentido...

Nesse quadro, muita coisa anda em falta no Brasil, a começar por uma educação de qualidade minimamente aceitável. Mas talvez não seja piegas dizer que falta amor à língua também.

TUDO É ERRO X NADA É ERRO: JOGO ARRASTADO

Os debates públicos sobre a língua andam chatos, parecendo diálogos de surdos. De um lado gritam os que defendem por puro reflexo a gramática tradicional (muitas vezes sem sequer dominá-la), convencidos de que o mundo vai acabar da próxima vez que alguém escrever “Me chama” em vez de “Chama-me” — como se isso não fosse banal na literatura brasileira há quase cem anos.

Do outro lado, esgoelam-se aqueles que se baseiam nos estudos linguísticos modernos para abrir fogo contra qualquer fumaça de certo e errado, beirando a esculhambação de tratar o português bem transado, que procura atualizar a tradição dos bons autores em vez de dinamitá-la, como entulho normativista.

Sem caretice e sem vale-tudo, este livro entende os argumentos dos dois lados, mas reserva-se o direito de não morrer abraçado com nenhum deles. Aposta que é possível cultivar a variedade culta da língua e ao mesmo tempo compreender que regras são historicamente determinadas, que nenhuma delas caiu do céu, e que no fim das contas o idioma é sempre atualizado por quem o fala. A mesma aposta inclui o reconhecimento da grande beleza que existe nisso.

Sem submissão ao jeito lusitano, mas ao mesmo tempo sem esperneios de independência que pudessem transformar (que horror!) a poesia de Fernando Pessoa em terra estrangeira, *Viva a língua brasileira!* dança na corda bamba de sombrinha.

Sim, feito a esperança de Aldir Blanc na canção “O bêbado e a equilibrista” — um dos poetas da língua brasileira que teremos como guia de viagem.